

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KARINE COSTA DO NASCIMENTO

ESPIRITUALIDADE, CUIDADO DE SI E A FORMAÇÃO INICIAL DE  
PROFESSORES

MANAUS

2024

Karine Costa do Nascimento

ESPIRITUALIDADE, CUIDADO DE SI E A FORMAÇÃO INICIAL DE  
PROFESSORES

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade do Estado do  
Amazonas – Escola Normal Superior.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica de Oliveira  
Costa.

MANAUS

2024

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

K18ee Nascimento , Karine Costa do  
Espiritualidade, Cuidado de si e a Formação Inicial de  
Professores / Karine Costa do Nascimento . Manaus :  
[s.n], 2024.  
42 f.: il.; 297 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Mônica de Oliveira Costa

1. Espiritualidade . 2. Cuidado de si . 3. Formação  
inicial de professores. I. Mônica de Oliveira Costa  
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III.  
Espiritualidade, Cuidado de si e a Formação Inicial de  
Professores

Karine Costa do Nascimento

**ESPIRITUALIDADE, CUIDADO DE SI E A FORMAÇÃO INICIAL DE  
PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
em Pedagogia para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia da  
Universidade do Estado do Amazonas  
da Escola Normal Superior.

Manaus, 25 de julho de 2024.

**BANCA EXAMINADORA:**

*Mônica de Oliveira Costa*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mônica de Oliveira Costa  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS

*Caroline B. de Oliveira*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Caroline Barroncas de Oliveira  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS

*Leandro Barreto Dutra*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Leandro Barreto Dutra  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS

## AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho ao verbo que se fez carne e habitou entre nós. Agradeço à minha mãe Dilceia, meu pai Roberto e minha irmã Karoline por todo amor e incentivo, que me fizeram ultrapassar os obstáculos e preocupações ao longo do curso. Aos meus amigos Leonardo, Carlos e Natália que mesmo longe demonstram amizade incondicional e apoio.

À professora doutora Mônica de Oliveira Costa, pela orientação feita com dedicação e acolhimento, assim como à professora doutora Caroline Barroncas de Oliveira pela orientação inicial dessa pesquisa. Ao grupo Vidar em Intensões pelo acolhimento e parceria nas reuniões de estudo, o que sempre trouxe calma nos momentos de turbulência.

À Universidade do Estado do Amazonas (ENS-UEA) por tudo que aprendi ao longo dos anos do curso e a todos que de forma direta e indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como desejo demonstrar como a espiritualidade e cuidado dão potência ao processo de formação inicial de professores. O problema de pesquisa é: De que modos se apresentam as ideias de espiritualidade em Michel Foucault e seus efeitos na formação inicial de professores. Para tanto, o objetivo geral do trabalho foi investigar a ideia de espiritualidade em Michel Foucault e seus efeitos na formação inicial de professores. Nessa mesma linha, os objetivos específicos são: estudar sobre cuidado de si e espiritualidade na perspectiva da Filosofia da Diferença; mapear as ideias de espiritualidade em Michel Foucault; discutir os efeitos das ideias de espiritualidade em Michel Foucault na formação inicial de professores. A espiritualidade e cuidado de si tornam a constituição do sujeito uma arte de viver, o professorar acaba tornando-se uma extensão da vida, a vida pulsa, a garantia de liberdade que trazem essa nova maneira de viver tornam o sujeito crítico margeando uma postura ética, libertando-o de amarras e paredes que podem estar o prendendo

**Palavras-Chave:** Espiritualidade; cuidado de si; formação inicial de professores.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>SEÇÃO I - CRONOLOGIA DO CUIDADO DE SI</b>	12
<b>SEÇÃO II- Ideias Sobre Espiritualidade</b>	21
Espiritualidade como prática de liberdade na formação inicial docente	24
<b>SEÇÃO III – Efeitos das ideias de espiritualidade em Michel Foucault na formação inicial</b>	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	39
<b>REFERÊNCIAS</b>	41

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade demonstrar como a espiritualidade e cuidado de si precisam estar unidos no processo de formação inicial, na primeira e segunda seção estão descritos como estas ideias eram entendidas e praticadas nas sociedades filosóficas antigas ocidentais, trazendo pensadores como Sêneca, Platão, Sócrates e Marco Aurélio que poderia ser descrito como fruto desses pensamentos filosóficos da época. A partir dessa cronografia de conceitos é possível perceber em qual momento houve uma quebra da união entre espiritualidade e conhecimento, uma polarização que se perpetua até hoje nas academias.

Na terceira sessão há um olhar sobre o curso de pedagogia, a partir de recortes de relatórios de estágio, Proposta Pedagógica Curricular (PPC) do curso de Pedagogia e uma cartografia advinda de um Projeto de iniciação científica. Trago esses elementos por fazerem parte do meu processo de formação inicial, todas essas experiências e atravessamentos fazem parte da ideia de espiritualidade e cuidado de si, e como eles modificam o que por ideia do senso comum seria apenas uma formação técnica profissional.

Esse tema surgiu a partir de um projeto de iniciação científica (PAIC), veio até mim como de paraquedas, mas modificou como um todo a forma pelo qual eu levava a vida, me vi em meio a um muro que eu mesma construí, e entender isso foi o ponto inicial para que eu pudesse quebrar o que estava me aprisionando. Nos estudos iniciais do PAIC fiz um estudo bibliográfico sobre o que de acordo com Foucault era espiritualidade e cuidado de si, e a partir disso estranhar a objetividade que eram os processos na academia.

A relevância do tema surge quando em meio a esses estudos, além de encontrar os enrijecimentos na academia, encontrei em mim. Espiritualidade e a constituição do professorar, posso me constituir professor não somente com os estudos técnicos científicos, mas também nas relações com os demais e comigo mesma, entender-me como sujeito integral modifica os achismos de que tudo está separado em caixinhas e faz-me olhar a vida como um todo, Foucault traz em seus estudos mostra caminhos para se poder levar a vida como obra de arte.

A partir do conhecimento das ferramentas da espiritualidade e noções sobre o cuidado de si é possível uma análise crítica de métodos e modos de

subjetivação que estão intrínsecos no processo de formação docente e por quais discursos ela é formada, de maneira a garantir um poder de análise quanto aos processos que percorrem a constituição de uma ética subjetiva pautada em uma análise do discurso.

Foucault (2010) em seus estudos enfatiza que a experiência filosófica pode ser contextualizada como uma forma de governo vivida quanto a determinados jogos de verdade, essas verdades fazem parte de um núcleo de percepções que o indivíduo perpassa durante toda a sua existência, tudo que lhe é apresentado e que ele assimila, torna-se para ele a verdade, com isso, concepções baseadas nessa experiência exigem uma transformação na maneira de ser do sujeito por meio de um conjunto de práticas específicas.

No processo inicial de formação de professores há de forma implícita um enrijecimento, causado pela separação ao longo das sociedades filosóficas de corpo e mente, de uma maneira melhor explicada, separação entre espiritualidade e conhecimento, o que reflete na concepção da formação humana em sua dimensão integral, ou seja, na dimensão prática da existencialidade.

A necessidade de compreender por quais caminhos perpassam os processos formativos baseados nessa separação e em como o estranhamento dessa objetividade remete a um posicionamento crítico, fazendo-se pensar nas maneiras e movimentos por quais o sujeito está se constituindo é uma prática de liberdade. Entender quais os processos de funcionamento estabelecidos e em como as relações de poder interferem nos processos de subjetivação somente é possível se corpo/alma, sujeito/mundo, e natureza/cultura estiverem ligados em um só. A compreensão da filosofia como espiritualidade ou forma de vida a partir da ética do cuidado de si na formação docente desperta e proporciona uma clareza sob a busca de como e pelo que o indivíduo procura se constituir, por qual viés seguir, essas percepções tornam o professorar mais humano, permitindo margear uma postura ética nas práticas professorais.

Foucault (2006) apresenta por meio da sua obra “A hermenêutica do sujeito” uma possibilidade de constituição de existência por meio da noção do cuidado de si, ferramenta que se encaixa na formação inicial de professores, demonstrando através disso os processos que possibilitam um autoconhecimento, “O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento

ao que se pensa e ao que se passa no pensamento”(Foucault, 2006 p, 12), que podem se caracterizar como exercícios conscientes em que o indivíduo busca a transformação. A *epimeléia heatoû* (cuidado de si mesmo) é uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo (Foucault, 2006).

A noção de epimeléia não designa simplesmente esta atitude geral ou essa forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. Daí uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios, cujo destino (na história da cultura, da filosofia, da moral, da espiritualidade ocidentais) será bem longo. São por exemplo, as técnicas de meditação; as de memorização do passado; as de exame de consciência; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito, etc. (Foucault 2010, p, 12)

Nos modos do sujeito se constituir e nas formas e práticas de si, a espiritualidade se define como,

É o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para se ter acesso a verdade (Foucault, 2006. p. 15).

Para a espiritualidade, a transfiguração do sujeito é um conhecimento das suas práticas, formas de pensar, não somente por um ato de gnose “a gnose é, em suma, o que tende a transferir, a transportar para o próprio ato de conhecimento as condições, formas e efeitos da experiência espiritual” (Foucault, 2010 p, 229), mas por experiências do conhecimento, seja esse conhecimento intrínseco, como regras formais do método, estruturas do objeto, ou extrínsecos, por exemplo, condições morais e culturais. Dessa forma, os exercícios, as ascetes, as renúncias, são uma forma de “constituir o sujeito de conhecimento verdadeiro como sujeito de ação reta” (Foucault, 2010 p, 229).

O processo de formação de professores está intimamente ligado a um modelo técnico, já que prepara profissionais para o mercado de trabalho baseado em um modelo social orientado pelos requisitos do mercado financeiro, dessa forma “o processo de formação vê-se guiado pelas diretrizes da racionalidade econômica, que servem também de critérios para a avaliação dos resultados” (Flickinger, 2009, p, 67). A partir de uma análise dos discursos de acordo com a perspectiva de Michel Foucault, é possível observar a

complexidade que há por trás do que muitas é visto somente como um conjunto de signos.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos”. (Fischer, 2001. p, 198-199)

O estudo da espiritualidade baseado nos estudos de Foucault traz a possibilidade de analisar a experiência formativa de acordo com a experiência humana, tornando a formação inicial de professores não resumida somente a formação técnica profissional, “[...] o sujeito da experiência formativa é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e, que, ao receber lhe dá lugar[...] é sobretudo, um espaço onde tem lugar os acontecimentos” (Larossa, 2014, p. 25), mas “[...] como uma forma de contraposição à acentuada valorização da formação técnica em detrimento da formação humana”. (Menegat. 2017. p, 43).

A formação de professores pode ser concebida como uma forma de conversão daquilo que é, como aponta Nietzsche (2009, p.7), “Nós que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios, somos de nós mesmos desconhecidos”. Os conhecimentos gerados através da filosofia da diferença nos instigam a pensar sobre a prática professoral, seus processos de subjetivação ou, ainda, como diria Foucault (1995), a pensar no que nos tornamos. Dito de outro modo, muitos discursos e teorias envolvem o processo de formação de docente, sendo necessários desaprender ou resignificar os discursos que o cercam, principalmente a ideia que o professor nada sabe e que são pessoas alheias a sua realidade que devem dizer o que fazer (Cavalheiro, 2019. p, 23).

Como é entendido o cuidado de si e espiritualidade na perspectiva dos estudos Foucaultianos? De que modo é vista e dita a relação entre espiritualidade e formação inicial de professores? A pergunta que fundamenta essa pesquisa é de que modos se apresentam as ideias de espiritualidade em Michel Foucault e seus efeitos na formação inicial de professores. Dessa maneira, estudando sobre o cuidado de si e espiritualidade, mapeando as ideias de espiritualidade em Michel Foucault e discutindo os efeitos das ideias de espiritualidade na formação inicial de professores. A análise é de cunho discursivo baseado nas ferramentas teórico metodológicas pós-críticas de

análise em Foucault, visto que as abordagens pós críticas permitem maior sensibilidade e flexibilidade no processo de investigação dos objetos em análise aprofundando-se em suas origens. Compreendendo que a dinâmica estabelecida em determinado tempo e lugar são decorrentes das relações de poder e como elas produzem os sujeitos inseridos naquela realidade sob os diferentes processos de subjetivação, e sobretudo a tentativa de ressignificar o que já estava posto tradicionalmente, a pesquisa objetiva desnaturalizar as fabricações dos modos de ser e ver para novos modos inventivos de pensar e viver a formação docente, buscando a superação da prática como somente uma repetição de ações.

Para a investigação e análise, o estudo bibliográfico se pauta nas categorias de pesquisa cuidado de si, espiritualidade e formação inicial de professores criando dessa forma um corpo conceitual que serviu de base para entender os aspectos presentes nas subjetividades das relações com as múltiplas capturas externas ao sujeito. De acordo com Paraíso (2004):

Tem-se frequentemente perguntado nesse tipo de pesquisa: "como nos tornamos o que somos?"; "que técnicas e tecnologias são acionadas na produção de determinados tipos de sujeitos?"; "por que queremos que alguém se torne um sujeito de um certo tipo?". E, nesse caso, têm sido descritos "enunciados" e perseguidos as "técnicas de dominação e técnicas de si" (com inspiração, sobretudo, no pensamento de Michel Foucault), para mostrar o processo de produção de sujeitos [...]

A pesquisa é apoiada na perspectiva da filosofia da diferença, tendo como marco teórico as análises advindas das contribuições de Michel Foucault sobre cuidado de si, dessa maneira, podendo estudar sobre o cuidado de si e espiritualidade, mapeando as ideias de espiritualidade em Foucault e discutindo os efeitos dessa ideia de na formação inicial de professores, examinando as representações e intenções de uma construção discursiva escapando da interpretação óbvia dos signos, examinando as relações discursivas e não discursivas que ultrapassam o meramente linguístico.

Sendo assim, o problema de pesquisa é: De que modos se apresentam as ideias de espiritualidade em Michel Foucault e seus efeitos na formação inicial de professores. Para tanto, o objetivo geral do trabalho foi investigar a ideia de espiritualidade em Michel Foucault e seus efeitos na formação inicial de professores. Nessa mesma linha, os objetivos específicos são: estudar sobre cuidado de si e espiritualidade na perspectiva da Filosofia da Diferença; mapear

as ideias de espiritualidade em Michel Foucault; discutir os efeitos das ideias de espiritualidade em Michel Foucault na formação inicial de professores.

Os estudos de Foucault me atravessaram de uma maneira significativa, percebo o tanto que me modifiquei e me modifico a cada momento que passa, como disse Guimarães Rosa, “viver é um rasgar-se e remendar-se”. Espero que esta monografia desperte em quem irá ler, os mesmos sentimentos que em mim se acenderam no momento em que tive acesso a esses estudos.

## **SEÇÃO I - CRONOGRAFIA DO CUIDADO DE SI**

“O cuidado de si é um encontro, deixamos de ser aquilo que falamos de nós e passamos a constituir aquilo que queremos de nós com o outro, cuida-te de ti mesmo ” (Mônica Costa, Karine Costa, 2024)

A partir dos estudos de Michel Foucault especificamente no curso dado no Collège de France (1981-1982) é possível uma análise sobre “sujeito e verdade”, situando as relações subjetividade/verdade, possibilitando a partir disso o estudo sobre cuidado de si e espiritualidade, tomando como ponto de partida um estudo histórico, história dos modos de subjetivação. Foucault estabelece como o cuidado de si, os processos que permitem uma análise do sujeito sobre si, práticas de consciência, “O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira”. (Foucault, 2010, p. 9)

Nesse viés de pensamento o cuidado de si é estabelecido como um modo de viver, são práticas que permitem um poder de observação crítica às subjetivações que modificam as percepções na qual estão submetidos todos os processos. Pensar na formação inicial de professores a partir do cuidado de si traz à tona problematizações quanto aos processos estabelecidos e como eles afetam a subjetividade, o rompimento ao longo dos séculos do conhecimento e espiritualidade e o entendimento que essa dissociação vem a partir de relações de poder e dinâmicas pré-estabelecidas, levam a uma reavaliação da forma por qual se conduz e se pensa uma formação docente.

Uma abordagem histórica sobre práticas de espiritualidade traz ferramentas para um deslocar de consciência, não como um manual de

instruções, mas como um movimento de criação de novas formas de subjetividades, novos caminhos a serem trilhados com diferentes possibilidades, o que antes era visto como algo trivial agora pode ser observado como objeto de investigação a partir de uma análise de si. A percepção por como e pelo quê o sujeito se torna, faz parte de uma prática de liberdade, observar frestas em meio a paredes e muros por quais a formação docente se constitui é uma atitude para consigo e os outros.

O primeiro despertar, o abrir dos olhos em que se desloca de uma posição de inércia e se alcança a luz primeira que seria uma nova postura quanto as formas de ser e viver, podem ser caracterizadas como uma busca por um professorar humano que se preocupa não com o que é certo ou errado, mas em uma análise do que é posto tradicionalmente. A prática de liberdade<sup>1</sup> vem em um sentido de entender por onde se quer seguir, mas para que isso seja possível faz-se necessário um olhar crítico sobre o que é cotidiano, a liberdade vem nesse momento, no momento de dúvida, questionamento, desconforto, é a partir disso que as transformações são possíveis.

O cuidado de si e a espiritualidade juntam o que ao longo do tempo foi separado, o indivíduo é um só em todos os lugares em que habita: professora em formação inicial, filha, irmã, amiga, namorada... não é possível separar a profissão do ser humano, por esse motivo é traga a espiritualidade como uma arte de viver, as constituições de um professorar na formação inicial trazem a clareza de qual viés seguir e despertam para quais métodos estão intrínsecos no processo inicial de formação, tornando a constituição do professorar a constituição também do sujeito.

**“O Cuidado de si pode ser caracterizado como o modo pelo qual se possibilita ao sujeito agir sobre si trazendo consigo práticas de si que se caracterizam como exercícios conscientes em que o indivíduo busca sua transformação.” (Karine Costa, 2024)**

Ao longo do tempo e das transições entre sociedades e culturas, a noção do que seriam as práticas de si, se diferenciaram, *epimeléia heatoû* (cuidado de si) e *ghôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), compreender as nuances e

---

<sup>1</sup> Liberdade significa poder de escolha consciente. Escolho porque acredito que seja o melhor, não por conta de fatores externos que me impuseram.

relações entre elas traz um entendimento do momento do seu surgimento e sua caracterização como atitude filosófica.

Inicialmente, o conhece-te a ti mesmo não possui um princípio de conhecimento de si, mas “seriam imperativos gerais de prudência.” (Foucault, 2010, p, 6), *ghôthi seautón* ficava inscrita, de acordo com Epicteto, no “centro da comunidade humana”, essa escrita se localizava no Templo de Delfos, na região central da Grécia, as pessoas que iam ao oráculo encontravam essa “regra” ritual para a consulta, dessa forma o conhece-te a ti mesmo não se caracteriza como um fundamento moral. Haviam no templo três preceitos délficos, que seriam as recomendações para quem viesse consultar o oráculo, *medèn àgan* (nada em demasia), traz um sentido de não trazer nada além, apenas questões úteis, não questões demais, apenas o que queres saber, o segundo, *engýe* (as cauções), quando vieres ao oráculo, não faça compromisso aos quais não poderá honrar, e por último *ghôthi seauton* “no momento em que vens colocar questões no oráculo, examina bem em ti mesmo as questões que tens a colocar, que queres colocar; e, posto que deves reduzir ao máximo o número delas e não as colocar em demasia, cuida de ver em ti mesmo o que tens precisão de saber.” (Foucault, 2010, p. 9)

Nada em demasia, nas demandas, nas esperanças, nenhum excesso também na maneira de conduzir-se; quanto às “cauções”, tratava-se de um preceito que prevenia os consulentes contra o risco de generosidade excessiva; e, quanto “conhece-te a ti mesmo”, seria o princípio segundo qual é preciso continuamente lembrar-se de que, afinal, é-se somente um mortal e não um deus, devendo-se pois, não contar demais com sua própria força nem afrontar-se com as potências que são as da divindade. (Foucault, 2010, p, 6)

O cuidado de si (*epimeléia heautôu*) passa ao longo dos anos por várias traduções, esta sendo a noção grega de cuidado de si mesmo que depois foi traduzida pelos latinos para *cura sui*, “se tudo faço no interesse de minha pessoa é porque o interesse que deposito em minha pessoa tudo precede. (*si omnia propter curam mei facio, ante omnia est mei cura*). A noção do cuidado surgiu a partir dos preceitos délficos, apesar de não terem um teor filosófico, na história do pensamento ocidental surge como “questão do conhecimento do sujeito, conhecimento do sujeito por ele mesmo” (Foucault 2010, p, 4). Os primeiros escritos do cuidado de si surgem em Platão no texto “A apologia de Sócrates”, Sócrates em sua missão dada pelos deuses deve incitar os outros a cuidarem de si mesmos.

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos amo; mas obedecerei antes ao deus que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, estejais seguros de que jamais deixarei de filosofar, de vos exortar, de ministrar ensinamentos àqueles dentre vós que eu encontrar. (Platon, 1920, p, 156-7)

A noção de epileméia heautôu iniciou a necessidade de conhecer a si mesmo, que caracterizaram uma atitude filosófica na cultura grega. As ideias sobre o cuidado de si se diferenciaram ao longo de três momentos, inicialmente no socrático-platônico. Como já citado os primeiros escritos que relacionaram o cuidado de si com o conhece-te a ti mesmo foram trazidos por Platão a partir da ideia de Sócrates, “é preciso que cuideis de vós mesmos”, esta relação está pautada em três pontos principais, o primeiro “é preciso cuidar de si porque se é ignorante. É-se ignorante, não se sabe o que se é, mas finalmente se descobre (precisamente na sequência de um encontro, de um acontecimento, de uma questão). (Foucault, 2006, p. 227).

Essa relação de maneira prática pode se observar nos ensinamentos de Sócrates para com Alcibíades, Alcibíades era ignorante porque ignorava a sua ignorância e tomando noção poderia pôr fim nela, neste ponto está a chave para o primeiro ponto, “a ignorância e a descoberta é que suscitam o imperativo do cuidado de si.” (Foucault, 2010, p, 227)

Não sei mais o que digo. É possível, verdadeiramente que eu tenha vivido desde muito tempo em um estado de vergonhosa ignorância, sem sequer me aperceber. Ao que Sócrates responde: não te inquietes; se só aos cinquenta anos te acontecesse descobrir que estás assim numa vergonhosa ignorância, que não sabes o que dizes, então seria bem difícil de remediar, pois não haveria de ser fácil tomar-te aos teus próprios cuidados (tomar-te a ti mesmo com cuidado: epimelethênai sautou) (Foucault, 2010. p. 34).

O segundo ponto consiste em, a partir do momento que se entende que se deve cuidar de si, o cuidado se tornará um conhecer a si mesmo, “conhecimento que, como sabemos, toma a forma de apreensão pela alma de seu ser próprio, apreensão que ela opera ao olhar-se no espelho do inteligível, onde precisamente, deve reconhecer-se” (Foucault, 2010, p, 228), neste momento o cuidar de si perpassa além do externo, uma afetividade do cuidado de si a partir do conhecer a si mesmo, ou seja, um retorno ao ser, (re)conhecimento da alma.

Alcibíades era ignorante aos seus rivais, porém, a partir de uma indagação reconheceu sua ignorância, “E é então que Sócrates lhe diz: mas

afinal é preciso dar um pouco de atenção a ti mesmo; aplica teu espírito sobre ti, toma consciência das qualidades que possuis...” (Foucault, 2010, p. 32), neste segundo ponto há uma procura pela transfiguração do sujeito em relação ao seu meio e as relações, uma busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento da alma.

O terceiro ponto consiste na junção entre conhecimento e cuidado de si, “a reminiscência está exatamente no ponto de junção entre cuidado de si e conhecimento de si” (Foucault, 2010 p, 228), reminiscência significa memória, recordação, no modelo platônico é a partir das memórias que a alma descobre o que ela é, e a partir desse conhecimento ela pode ter acesso ao que viu, isso se relaciona com conhecimento de si e conhecimento da verdade e essa verdade é a assimilação do indivíduo, o homem é formado por aquilo que assimila, dessa forma, “em um único movimento da alma, conhecimento de si e conhecimento da verdade, cuidado de si e retorno ao ser.” (Foucault, 2010 p, 228).

Após o modelo platônico, surge o modelo helenístico, diferentemente do anterior que girava em torno da reminiscência, o helenístico se volta para a autofinalização da relação de si, conversão a si, “converter-se a si implicaria ou demandaria uma tarefa que fosse fundamental, contínua, de conhecimento do que nós chamaríamos de sujeito humano, alma humana, interioridade humana, interioridade da consciência (Foucault, 2010 p, 231). Este modelo associa-se aos estoicos, epicuristas e cínicos, trazendo um termo chamado “saber inútil”, que diz que de todos os saberes, preceitos, todos eles precisam ser ordenados à *tékhe tou bíou*, a arte de viver.

Penso, porém, que a questão assim se coloca: o que os estoicos pretendem dizer quando, a um tempo insistem na necessidade de ordenar todo o saber à *tékhe tou bíou*, de dirigir os olhares para si, associando a essa conversa e a essa inflexão do olhar sobre si todo o percurso da ordem do mundo, da sua organização geral e interior?(Foucault, 2010, p, 232)

Foucault para examinar como os estoicos trabalhavam essas questões, utilizou textos de Sêneca e Marco Aurélio, a partir da análise dos escritos é possível perceber o converter-se a si característico do helenismo e o conhecimento da natureza, “converter-se a si é ainda uma certa maneira de conhecer a natureza”(Foucault, 2010, p, 231). Nos modelos anteriores, o indivíduo era formado a partir da soma de forças externas e internas, neste ele é um trabalho em progressão, no qual a essência é demonstrada no seu progresso, o indivíduo passa agora a ter uma preocupação com o estado de

espírito, tendo a filosofia como terapia da alma, como orientação nesse progresso.

No âmbito dessa filosofia, a relação do sujeito com a verdade aparece desse modo, na produção de formas de vida, de uma forma de viver para alcançar a verdade e de viver segundo essa verdade, produzir a partir dela um ethos, ser sujeito ético dessa verdade da qual se é sujeito do conhecimento. (Testa. Federico. Michel Foucault e o Helenismo: subjetivação e cuidado de si. Julho, 2011)

As questões tragas pelo estoicismo, especificamente no escrito “Questões Naturais” de Sêneca trazem à tona problemas éticos e práticos que eram dados como muito importante na filosofia antiga, como por exemplo a relação com a idade, Sêneca já se achava um idoso e com a idade avançada

é preciso apressar-se, quanto possível, para consumir a própria vida. É preciso agilizar-se para chegar ao ponto em que ela estará completa. Completa não porque tivesse chegado enfim ao seu termo cronológico mais recuado, mas por ter chegado à sua plenitude. É preciso atravessar a própria vida com maior prestreza, em uma pincelada, uniformemente, sem sequer dividi-la em fases distintas e com modos distintos de existência. É preciso atravessar a própria vida com a maior prestreza, em uma pincelada, a fim de alcançar aquele ponto ideal da velhice ideal. (Foucault, 2010 p, 235)

Sêneca chega a conclusão que perdeu tempo ao se dedicar a estudos inúteis, e por ter tido em sua vida anos mal preenchidos, e que nesse momento da sua vida precisa se dedicar a um trabalho que lhe exija rapidez em ser feito, e que trabalho seria esse? O domínio de si mesmo “sibi totus animus vacet” (que o espírito todo se ocupe consigo, se desocupe para si mesmo)” (Foucault, 2010, p, 325).

Aí está um indicativo de uma nova atitude filosófica, voltar o olhar para que o indivíduo seja o seu próprio objeto de contemplação, “e ele estima que no lugar de narrar as paixões dos outros, como fazem os historiadores, seria bem preferível superar e vencer nossas próprias paixões” (Foucault, 2010 p, 236).

Outro ponto a ser mencionado era sobre a “grandeza”, para Sêneca, o ideal não seria narrar os grandes feitos históricos, não se ocupar com histórias de reis, conquistadores, mas sim, criar as próprias narrativas, desse modo, a grandeza para ele estaria em vencer os vícios, isso que deveria ser almejado.

O que há de grande aqui embaixo? Vencer os mares com suas frotas, fincar bandeiras na orla do Mar Vermelho e, quando faltar terra para

nossas devastações, errar pelo oceano à procura de plagas conhecidas? Não: é ter visto todo esse mundo com os olhos do espírito, é ter obtido o mais belo triunfo, o triunfo sobre os vícios.” (Foucault, 2010 p, 237).

É importante vencer os vícios, pois a partir disso precede-se o princípio do domínio de si, por esse motivo ele chegou a conclusão de que deve ter pressa em trabalhar para si e sobre si, ele relaciona esse conhecimento com a relação entre cosmos e ser humano, ar, água, as estrelas, somente é possível chegar a si através da exploração do grande ciclo do mundo.

Tu fugiste aos vícios da alma, tu cessaste de compor teu rosto e tua linguagem, de mentir de iludir (toda a teoria da lisonja ativa e passiva), tu renunciaste à avareza, a luxúria, à ambição, etc. E, entretanto, diz ele, é como se nada tivesses feito: “multa effugisti, te nondum” (tu fugiste a muitas coisas, mas não de ti mesmo). (Foucault, 2010 p, 246)

A relação do indivíduo com a natureza impedia que houvesse essa fuga de si, ademais, a essa relação é a mesma que conduz a Deus, homem, mundo (natureza) e Deus, “o que a razão divina é para o mundo, a razão humana deve ser para o próprio homem” (Foucault, 2010 p, 247). Os efeitos desse ciclo, desse movimento elevariam o homem a um estado de consciência colocando-o no ponto mais alto do universo, permitindo uma visão de cima sobre a terra, fazendo com que os segredos sejam relevados.

Tirando do simbólico, o indivíduo no seu ponto mais alto de consciência é capaz de enxergar possibilidades antes não vistas, uma realidade ignorada, tendo possibilidades reais de governo de si, Sêneca, a partir de um estoicismo faz um movimento de recuo, uma parada momentânea de análise de existência.

Essa liberação faz com que, sem que jamais tiremos os olhos de nós mesmos, sem que jamais tiremos os olhos deste mundo ao qual pertencemos, de algum modo ganhemos as regiões mais altas do mundo. Alcançamos o ponto onde o próprio Deus vê o mundo e, sem jamais termos verdadeiramente nos desviado desse mundo, vemos o mundo a que pertencemos e, por conseguinte, poderemos ver a nós mesmos neste mundo. (Foucault, 2010 p, 248)

Sobre a análise de existência, Marco Aurélio utilizou-se de algo chamado “escrita de si”, o livro meditações ao qual o nome original seja “reflexões para si mesmo” é um escrito que não tinha como objetivo ser uma obra literária ou filosófica, mas sim, um diário de reflexões. Marco Aurélio foi imperador romano que se caracterizou como um governante dedicado à filosofia, em sua obra pode-se ver alusão à Sêneca, Platão, Sócrates etc. Seus escritos refletem quais eram os parâmetros que a filosofia estoica se direcionava e como que eram aplicados

na prática os preceitos e ensinamentos prescritos pelos estudiosos naquela época, como a “Conversão a si” se conceituava como uma melhora pessoal.

Ora, dessas alternativas qual a mais conveniente e favorável? Não é por conta disso, ou seja, dessa conveniência que somos levados pelo prazer a vacilar e a errar? Mas pondera se não são mais convenientes e favoráveis a grandeza da alma, a liberdade, a simplicidade, a bondade, a devoção religiosa. E o que há, com efeito, mais conveniente e favorável do que a sabedoria quando atentas para a infalibilidade e a fluência em todas as coisas dessa faculdade do intelecto e do conhecimento? (Aurélio, p, 59)

Nessa citação pode se observar o ciclo Deus, homem, mundo (natureza) presente nos escritos de Sêneca e nos escritos de Marco Aurélio.

Esta relação de conversão de si no modelo helenístico foi utilizada para a formação de uma moral que o cristianismo herdou, neste ponto entra-se na terceira vertente do cuidado de si baseada em uma “moral cristã”. O cuidado de si vai para uma espiritualidade cristã que trabalhava com uma exegese a si, uma gnose. No movimento platônico trabalhou-se a reminiscência, a gnose teria intrinsecamente o mesmo conceito de voltar a si, tanto que movimentos chamados gnósticos podem também ser intitulados como platônicos.

O modelo platônico teve características recuperadas pelo cristianismo nos movimentos gnósticos, “Não devemos esquecer que o modelo platônico organizado em torno do tema da reminiscência, isto é, da identificação entre o cuidado de si e conhecimento de si foi, no fundo, retomado nas fronteiras do cristianismo, no interior e no exterior do cristianismo, por aqueles extraordinários movimentos a que chamamos gnose, ou movimentos gnósticos. (Foucault, 2010, p.229).

O conhecimento nesse movimento se manifesta através dos “escritos da revelação”. O ponto fundamental entre a conversão de si é a circularidade entre conhecimento de si, da verdade e cuidado de si, pois somente assim a verdade da salvação poderia ser acolhida, “se quisermos promover nossa própria salvação, devemos acolher a verdade: a que nos é dada no texto e a que se manifesta na revelação. Mas não podemos conhecer esta verdade se não nos ocuparmos com nós mesmos na forma do conhecimento purificador do coração.” (Foucault, 2010. p. 228).

O conhecimento de si é feito através de técnicas dissipadoras de ilusões, um reconhecimento de tentações que se formam na alma de forma que seja possível a frustração destes desejos “E o método, para tudo isso, é o da decifração dos processos e movimentos secretos que se desenrolam na alma, dos quais é preciso apreender a origem, a meta, a forma”. (Foucault, 2010).

Esses métodos se relacionam com o vencer dos vícios que Sêneca citava, para vencer esses desejos é necessário que primeiro eles sejam identificados, mas não somente o desejo em si, mas de onde ele se origina, para que assim haja a renúncia desses desejos, “O terceiro, por fim, é que no cristianismo o conhecimento de si não tem tanto a função de voltar ao eu, para em um ato de reminiscência, reencontrar a verdade que ele contemplara e o ser que ele é: retorna-se a si, como lhes disse a pouco, para essencial e fundamentalmente, renunciar a si.” (Foucault, 2010. p. 229).

O modelo de uma “moral cristã” que foi transmitido a toda uma cultura da história ocidental que transferiu ao conhecimento de si “não uma função memorativa de reencontrar o ser do sujeito, mas a função exegética de detectar a natureza e a origem dos movimentos interiores que se produzem na alma”. (Foucault, 2010, p.229), veio com exercícios constantes e de certa forma insistentes para uma busca pela salvação, busca de Deus.

Com modelo cristão transmitido a toda uma cultura, pode ser observado outra noção do que seria a “espiritualidade”, não se distancia do que os modelos filosóficos anteriores definiram como espiritualidade, somente trouxe algumas modificações nos resultados do que aquelas práticas buscavam, enquanto para o modelo cristão se buscava a salvação, nos modelos filosóficos se buscava uma grandeza de alma. De acordo com Foucault, espiritualidade:

É o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para se ter acesso a verdade (Foucault, 2010. p.15).

Ou seja, pode se considerar como espiritualidade toda prática que leve o ser humano a uma transfiguração em si, sendo esta uma busca pela “verdade”, ou pela busca de Deus e da salvação.

Os exercícios espirituais tinham tanto como finalidade a dissolução da individualidade, quanto estabelecer a identidade do sujeito. O sentido era de aplicar o espírito sobre si mesmo e isso não significava estabelecer um saber sobre a interioridade do sujeito, mas proporcionar uma mobilização do saber que provocasse um deslocamento do sujeito até um ponto elevado em que pudesse perceber a si mesmo, que possibilitasse a esse sujeito apreender as coisas em sua realidade e valor, que possibilitasse ao sujeito aprender-se a si mesmo em sua própria realidade” (Chaves, 2014. p, 110)

Ao longo do tempo e das culturas filosóficas presentes, é possível perceber quais aspectos se diferem na relação o sujeito para com ele mesmo,

mundo e com o Divino, seja no socrático platônico, em escritos no templo de Delfos, ou no cinismo, epicurismo e estoicismo, ou através de uma espiritualidade cristã, todos estes interferiam as relações sujeito/verdade, pois marcavam não somente um externo social, mas traziam e incentivavam uma mudança do interno para o externo, o primeiro a se modificar é o ser humano.

A transição do conhece-te a ti mesmo para o cuidado de si trouxe uma prática autônoma e plural nos seus modos, ou seja, saiu de um lugar somente de conhecimento, e manifestou-se como prática de si.

## **Seção II- Ideias Sobre Espiritualidade**

Ao longo do tempo como pôde ser observado, o cuidado de si foi um movimento de passou por mudanças, de acordo com a sua época e ideais filosóficos que poderiam ser considerados como uma escolha, porém, quando esses princípios passaram para o cristianismo, foram ressignificados, já não se caracterizavam mais como uma escolha, mas sim, uma obrigação de renúncia de si. O modelo cristão que foi transmitido a toda história da cultura ocidental, conferiu ao conhecimento de si “não uma função memorativa de reencontrar o ser do sujeito, mas a função exegética de detectar a natureza e a origem dos movimentos interiores que se produzem na alma”. (Foucault, 2010, p.229).

Exercícios que envolvem a percepção, a representação, a memória, a decomposição foi comum entre os estoicos e assimilados pelo cristianismo logo em seguida. Tal como na antiguidade helenística, os cristãos compreenderam logo de início que o espírito- como um sopro, como pneuma – está sempre em movimento. A diferença é que a preocupação não estará relacionada à natureza do objeto representado, mas na pureza dessa representação como uma ideia ou imagem. [...]. Se a origem dessa ideia que se tem no espírito vem de Deus ou do diabo. Trata-se, portanto, de um modo de decifrar a interioridade, o próprio pensamento, uma tarefa a ser empreendida pelo sujeito como uma exegese de si. (Chaves. 2014. p, 110)

A partir desse momento ocorre uma ruptura que perdura até hoje, um recobrimento de “cuidado” para “conhecimento”, há uma quebra entre conhecimento e espiritualidade já que as práticas e renúncias ficaram como algo exclusivo de práticas religiosas. Filosofia e espiritualidade se separam.

O principal marco para essa ruptura é chamado de “momento cartesiano”, o sujeito agora consegue ter acesso ao conhecimento através da sua própria existência de sujeito. Inicialmente é importante destacar que a espiritualidade se

constitui como práticas que levem o sujeito a uma transformação, que tem o objetivo principal acessar a verdade.

Desta maneira, a espiritualidade deixa patente o fato de que o sujeito não é de antemão capaz de acessar a verdade. Para que ele possa acessá-la, faz-se necessária uma transformação do sujeito em seu ser, a qual pode assumir a forma do Eros (quando a verdade vem ao sujeito arrancando-lhe de sua condição atual) ou da Áskesis (quando o sujeito realiza um trabalho contínuo de si mesmo em vista de transformar-se para ter acesso a verdade. (Galantin, 2012. p, 8)

Ou seja, para que se possa ter acesso à verdade, é necessário haver uma conversão, então, de acordo com Foucault, “a verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo de sujeito” (FOUCAULT, 2006, p. 16). Na antiguidade, com Sócrates, Aristóteles e com as filosofias helênicas a filosofia e espiritualidade andavam juntas o que pode ser visto e é descrito nos escritos de Sêneca e Marco Aurélio, um exemplo são os três princípios em que a postura filosófica de Marco Aurélio pode ser sintetizada de acordo com seu escrito “Meditações”,

2Práticas das virtudes (o que significa total repúdio aos vícios e ao mal em geral), incluindo particularmente a resignação diante de todos os fatos e acontecimentos, o acatamento do que é determinado pela Providência e pela natureza, a impassibilidade e indiferença quanto às coisas mundanas (prazeres, dores, riqueza, glória, poder, honrarias etc.) e a benevolência para com todos.

Devoção religiosa, culto aos deuses e divindades tutelares e obediência às leis.

Em todas as ações virtuosas, ter em vista sempre o interesse da comunidade e não o individual; o indivíduo existe enquanto membro da comunidade e não isoladamente. (Aurélio, 2019. p, 11)

como é possível observar nesse trecho há um equilíbrio, um pensamento filosófico que perpassa para as atitudes, o conhecimento não se separa de uma certa postura ética que se preocupa com um todo, nada é egoísta, tudo se encaixa na busca de um bem maior.

Na temporalidade das relações entre sujeito e verdade surge a modernidade, que pode ser chamada de momento cartesiano,

Creio que a idade moderna da história da verdade, começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele. Isto é, no momento em que o filósofo (ou o sábio, ou simplesmente aquele que busca a verdade), sem que mais nada lhe seja solicitado, sem que seu ser de sujeito deva ser modificado ou alterado, é capaz, em si mesmo e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso (Foucault, 2006, p, 18)

---

<sup>2</sup> Trecho introdutório do tradutor Edson Bini. Edipro, 2019. São Paulo.

no momento cartesiano a verdade é alcançada através do conhecimento, porém, a busca pelo conhecimento não gera nada mais do que o acúmulo dele, a diferenciação ocorre nesse aspecto de práticas de busca por essa verdade, “[...] o sujeito, tal como ele é, é capaz da verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito [...]. A dissociação entre conhecimento e filosofia foi alinhavado no conflito entre teologia e espiritualidade.

A teologia (essa teologia que, justamente, pode fundar-se em Aristóteles – confer o que lhes dizia há pouco – e que, com Santo Tomás, a escolástica, etc., ocupará na reflexão ocidental o lugar que conhecemos), ao adotar como reflexão racional fundante, a partir do cristianismo, é claro, uma fé cuja vocação é universal, fundava, ao mesmo tempo, o princípio de um sujeito cognoscente em geral, sujeito cognoscente que encontrava em Deus, a um tempo, seu modelo, seu ponto de realização absoluto, seu mais alto grau de perfeição e, simultaneamente, seu criador, assim como, por consequência, seu modelo. A correspondência entre um Deus que tudo conhece e sujeitos capazes de conhecer, sob amparo da fé é claro, constitui sem dúvida um dos principais elementos que fazem [fizeram] com que o pensamento – ou as principais formas de reflexão – ocidental e, em particular, o pensamento filosófico se tenham desprendido, liberado, separado das condições de espiritualidade que os haviam acompanhado até então, e cuja formulação mais geral era o princípio de epimeléia heautóu (Foucault, 2010a, p, 26)

essa separação fundamenta-se em uma perspectiva teológica em que Deus é o centro do conhecimento e dele vem toda a sabedoria, “entre Deus que tudo conhece, e os sujeitos capazes de conhecer há uma correspondência adequada.” (Sugizaki; Rosa, 2008,p, 2011) dessa forma, o sujeito é livre da necessidade de uma prática que o leve a verdade, pois, ele sendo racional o acesso a essa verdade não necessita mais de mediação, nesse viés, é a estrutura da subjetividade e não a transformação por si que constitui uma abertura para a verdade. Com essa ruptura está a ideia de que toda a ciência que demanda uma conversão do sujeito e prometa uma iluminação como resultado, é equivocada.

Nos dois primeiros séculos da era cristã, o cuidado de si tornou-se a preocupação de muitos autores, que desenvolveram princípios que diziam respeito à escrita de si, ao exame de consciência, aos procedimentos de aprovação, e uma constante intensificação da vigilância em torno da conduta do sujeito, que transformaram a cultura em si num elemento de diversas práticas sociais. O cuidado de si, portanto, constitui-se em uma prática ética exercida no âmbito da racionalidade, uma vez que o sujeito só poderia exercitar os conhecimentos transmitidos mediante uma intensa memorização e uma forte dedicação ao cumprimento desse saber como verdades. (Chaves, 2014. p, 32).

A ética do cuidado de si ocasionou a necessidade de novas formas de construção e conhecimento que resulta das experiências e da relação do sujeito consigo mesmo, nesse momento se encontra a noção de subjetividade, “Esse saber permite que o sujeito não só encontre a sua liberdade como também que, sendo livre encontre a felicidade e a perfeição paras as quais é capaz” (Chaves, 2014. p, 110).

### **Espiritualidade como prática de liberdade na formação inicial docente**

A espiritualidade, não do modo cartesiano, mas uma espiritualidade da transformação de ser do sujeito não se desvincula do processo de formação. Apesar de não ser citado no cotidiano das academias esses conhecimentos instigam ao pensamento sobre as práticas professorais e seus processos de subjetivação entendendo aonde o “eu” se encaixa nessas relações entre sujeito e verdade,

Foucault oferece uma compreensão dos sujeitos educacionais – o aluno, o estudante, o professor, etc. – em termos de uma história da subjetividade e de uma investigação genealógica que permitiu aos teóricos da educação entender os efeitos da educação e das pedagogias tanto como disciplinas quanto como práticas (Peters e Besley, 2008, p, 18).

No caminhar da formação docente, o conhecer a si mesmo está ligado a saber de fato a realidade dos pensamentos. Não há como separar filosofia e conhecimento, “de que valeria a obstinação do saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece? (Foucault, 2012,p,193). Os discursos que compõem o processo de formação remetem a uma educação técnica e conteudista, deixando de lado aspectos constitutivos do ser humano, o que acaba impactando de forma negativa o processo formativo.

Ao analisar um discurso- mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato ou fala individual-, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. (Fischer, 2001, p, 11)

Analisar os discursos aos quais são dispostos na academia trazem à tona estranhamentos quanto a padrões pré-dispostos e concepções pré-estabelecidas, será que há um real entendimento, se não houver essa clareza

não é possível que haja uma criação ou inovação, os processos se tornam somente reproduções, “dividido, quebrado, descentrado, o sujeito se definiria por um inevitável embate com o outro que o habita. E, permanentemente, viveria a busca ilusória de tornar-se um. ” (Fischer, 2001, p, 12). A espiritualidade traz clareza quanto a esses enrijecimentos, para onde vai o movimento e o porquê de estar indo naquela direção. Ao mesmo tempo em que a academia forma professores com saberes técnicos, constitui também sujeitos, pois a conduta será um reflexo do ser interior.

Marco Aurélio quando fala sobre as representações do cotidiano, fala em um sentido de direcionamento, um diálogo interior em busca de verdades por meio da razão, “Considerando o fluxo, necessariamente móvel, variável e cambiante das representações, assumir, em relação a elas, uma atitude de vigilância, uma atitude de desconfiança.”(Foucault, 2010, p, 268) ao “desnudar”, “ver de cima”, é possível a percepção quanto a uma postura de futuro professor e por qual viés será a conduta, “Por isso [portanto, após ter dito que, a propósito de cada representação, é preciso examinar aquilo que ela representa e, conseqüentemente, as virtudes que se deve opor ou praticar com relação a essa coisa; M.F]” (Foucault, 2010,p, 269). O sujeito é capaz de arquitetar o próprio destino, a espiritualidade serve como ferramenta para descobrir inúmeras qualidades e valores latentes que potencializam a realização plena do ser humano, o que por consequência irá refletir em sua atuação como profissional.

O sujeito em seu processo de constituir-se pode se comparar ao poema “Ou isto ou aquilo” de Cecília Mierelles:

Ou se tem chuva e não se tem sol,  
 ou se tem sol e não se tem chuva!  
 Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
 ou se põe o anel e não se calça a luva!  
 Quem sobre nos ares não fica no chão,  
 quem fica no chão não sobe nos ares.  
 É uma grande pena que não se possa  
 estar ao mesmo tempo nos dois lugares!  
 Ou guardo dinheiro e não compro o doce,  
 ou compro o doce e gasto o dinheiro.  
 Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
 e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranquilo.  
Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

(Meireles, Cecília. *Ou isto Ou aquilo*. 7º ed. 2012)

A academia proporciona um vasto número de conhecimentos, sejam eles específicos com matérias da grade curricular ou conhecimentos de mundo, como no poema de Cecília há sempre uma escolha a se fazer, e a partir dessa escolha, uma renúncia, é isto ou aquilo, por qual viés é construído uma postura, o modificar do sujeito faz parte inicialmente de um conhecimento, quais valores estéticos, éticos, intelectuais, afetivos, físicos e vitais fazem parte da sua existência. Constituir um professorar e um viver a partir da espiritualidade é formar além da formação, é um conhecer a si mesmo.

Nos tempos atuais tudo o que está ligado às renúncias, ascetes ou que se desloque para uma prática que tenha como objetivo a iluminação ou transfiguração, não se vincula mais a uma prática cotidiana, vincula-se somente com “espiritualidades culturais modernas e religiosas do mundo moderno pluralista” (Sugizaki; Rosa, 2008,p, 211). Por consequência dessa ruptura entre práticas específicas que devem somente ser utilizada em locais específicos, há uma separação entre vida pessoal, trabalho, amigos, é como se houvesse uma personalidade para cada tipo de ocasião, cada uma com suas características distintas.

Foucault em seus escritos fala sobre uma arte de viver que teria duas funções, auxílio nos momentos fortes da existência que aqui poderiam ser colocados como ajuda contra as diferentes formas de poder que interferem nas subjetividades e a segunda para que os sujeitos alcançassem um novo modo de vida, o “bíos” é essa arte de viver, ele se refere a uma vida sem imposições exteriores partindo verdadeiramente de uma escolha pessoal.

O bíos é algo que pode ser bom ou mau, enquanto a vida que você leva porque é um ser vivo lhe é simplesmente dada pela natureza. O bíos é a vida qualificável, a vida com seus acidentes, com suas necessidades, mas é também a vida tal como podemos fazê-la pessoalmente, decidi-la pessoalmente. O bíos é o que nos acontece, é claro, mas pelo ângulo do que fazemos com o que nos acontece. É o curso da existência, mas levando em conta o fato de esse cursor estar indissociavelmente ligado à possibilidade de conduzi-lo, de transformá-lo, de direcioná-lo neste ou naquele sentido, etc. O bíos é correlativo da possibilidade de modificar sua vida, de modifica-la de modo racional e em função dos princípios da arte de viver (Foucault, 2016, p.33).

partindo desse pensamento, não é possível deixar em extremos diferentes o que é interligado, uma espiritualidade religiosa e outra ateia deixa de ser pertinente. A ruptura do conhecimento com a espiritualidade veio por um encobrimento do ascetismo cristão à ascese antiga, esse ascetismo traz consigo quando se fala sobre as práticas espirituais “imagens de homens enfraquecidos pelo jejum e modificados pela pressa de deixarem esse mundo de pecado e sofrimento para passarem logo ao paraíso supraterrano”. (Nascimento, 2018, p. 100), ou seja, práticas singulares somente utilizadas em espaços e por sujeitos restritos àquelas práticas, na academia utiliza-se linguagens que deixaram de lado o que a espiritualidade trazia, pela sua origem ter sido modificada e polarizada a um único grupo, fora de seus textos e formações não caberia entrar outros elementos, pois é algo à parte.

Isso ocasiona uma “heresia da separatividade”, dualidade de existências. Uma das características do “bíos” é a autonomia e liberdade, que são marcas de um sujeito capaz de autogovernar-se.

Em outras palavras, isso quer dizer que por mais que o indivíduo deva, em algum momento de sua vida, ser dirigido por outro, o que implica certo grau de obediência, o objetivo dessa relação de direção nunca será a obediência por ela mesma. Muito pelo contrário, o que se pretende alcançar na direção antiga é um estado no qual o indivíduo seja capaz de servir-se livremente das técnicas disponíveis para elaborar sua vida tal como uma obra.” (Nascimento, 2018, p. 104).

A arte de viver está intrinsecamente ligada à formação docente, ser um sujeito integral em todas as áreas significa não viver em um piloto automático, é um cuidar e olhar para si de forma a se viver mais profundamente. De certa maneira a academia forma pessoas que irão cuidar de outras pessoas, esse cuidado perpassa somente o zelar pelo bem-estar e vai se constituindo como um cuidado ético, cuidar do outro significa ter responsabilidade sobre ele. A docência vai além do transmitir conhecimentos científicos, é repassar educações, diferentes formas de se enxergar as pessoas e o mundo, enxergar a si mesmo. A espiritualidade ligada ao conhecimento proporciona a criação de novas maneiras de viver podendo relacionar-se de uma melhor forma, pois entende os processos entrelaçados internamente e externamente.

Uma busca pela verdade voltando aos conceitos helenísticos, tem a ver com um movimento de observações internas, entender que não entendo pode se classificar como uma busca, o começo dela.

O que está envolvido na ascese helenística é: (a) a “constituição de um saber sobre o mundo como experiência espiritual do sujeito” (Foucault, p, 283) e (b) a “Constituição do sujeito como fim último para si mesmo e pelo exercício com a verdade” (Foucault, p, 284). Isso difere da proposta da modernidade que exige um saber objetivante que impõe ao sujeito um conhecimento e a sujeição do mesmo a uma ordem. A história da subjetividade comporta um processo de transformação lenta em que se deu essa passagem de espiritualidade do saber e da prática da verdade para o estado do domínio do conhecimento pelo sujeito e a sujeição a uma lei. A *áskesis* era, de início essa espiritualidade do saber bem como essa prática e exercício da verdade. (Chaves, 2014, p, 111)

No momento socrático-platônico, “é preciso cuidar de si porque se é ignorante. É-se ignorante, não se sabe o que se é, mas finalmente se descobre (precisamente na sequência de um encontro, de um acontecimento, de uma questão). (Foucault, 2006, p, 227), esse diálogo entre Sócrates e Alcibíades revela o imperativo dessa busca pela verdade, “A ignorância e a descoberta da ignorância [...]” (Foucault, 2006, p, 227). Clarisse Lispector em “A descoberta do Mundo” cita algo que condiz com entender que não se entende, já se encaixa como um entendimento:

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom.

Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doída. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender o que não entendo.” (Clarisse Lispector. A Descoberta do Mundo. 1999, p.157-159)

Esse entendimento demonstra o conhecimento da verdade a partir de um conhecimento da alma, um conhecimento “[...] que como sabemos, toma a forma de apreensão pela alma de seu próprio ser, apreensão que ela opera ao olhar-se no espelho do inteligível, onde, precisamente deve reconhecer-se” (Foucault, 2006, p. 228). A espiritualidade hoje pode ser uma ascese em um mundo polarizado, ascèses que podem ser discutidas sob quaisquer parâmetros sejam eles educacionais ou não, permitindo um entendimento sobre as relações de saber-poder aos quais somos submetidos e quais ideias perpassam o cotidiano,

neste ponto se encaixa a espiritualidade como prática de liberdade na formação docente.

### **Seção III – Efeitos das ideias de espiritualidade em Michel Foucault na formação inicial**

Durante o meu processo de formação inicial no curso de pedagogia, o contato que tive com o tema foi inicialmente no projeto de iniciação científica (PAIC), um colega de curso viu “espiritualidade” no nome e disse que pensou logo em mim, foi no senso comum da palavra espiritualidade por conta da religião, mas depois que tive acesso ao conteúdo pude perceber que era “diferente”. Na academia ainda não havia escutado falar sobre esse tema, nem de espiritualidade ou filosofia, para ter acesso aos diferentes ensinamentos da filosofia sejam eles, filosofia natural, hermética, clássica, todos eles eram externos à academia.

Após meu contato inicial com o tema tudo se alinhou, parece que as coisas começaram a girar em torno disso, acredito eu, já no final da graduação que não é que as coisas simplesmente se alinharam, eu só comecei a perceber que sempre estiveram ali presentes. Vi sobre o cuidado de si na matéria de epistemologia, depois nos três estágios supervisionados, e com isso conceitos que antes ficavam confusos puderam ser esclarecidos na vivência da universidade.

Somos constituídos por além de conceitos, somos também por relações. Durante o PAIC através de um grupo de pesquisa pude ter contato com professoras que demonstram na prática o que pude analisar em estudos, essa busca por um professor humano que acolhe ao mesmo tempo que ensina e que torna a trajetória acadêmica mais leve e aberta a novos aprendizados e de se fazer educação. Dessa forma, a partir destes aprendizados e experiências nesta seção está presente aspectos do PPC do curso de pedagogia, assim como escritos do caderno de campo e uma cartografia produzida no PAIC demonstrando como a espiritualidade esteve presente na minha formação inicial e quais os efeitos dessas ideias de espiritualidade.

Pude experienciar como esses efeitos funcionam na prática. Através de registros nos relatórios de estágio, foram possíveis essas percepções dessa

maneira de se constituir professor/indivíduo, “O estágio direcionou a uma reflexão sobre a criação e invenção de si, proporcionando experiências que somassem para uma percepção da singularidade nesse processo, diferentes olhares sobre a profissão e as possibilidades que o curso proporciona. ” (Nascimento. 2023. p, 4).

É interessante observar uma lucidez em meio aos processos cotidianos, conforme vão me sendo apresentados conhecimentos, experiência, relações interpessoais, há uma mudança de percepção, o que antes era uma certeza agora não é mais, esses movimentos de encontros e desencontros com ideias faz com que eu vá me constituindo como esse indivíduo/professor

No meu processo de formação me vejo muito seguindo por modelos, quando citei mais acima sobre vozes no escuro, também pode ser relacionado a isso, observo por qual caminho preciso seguir através de pessoas, quero ser dessa forma, não quero ser dessa forma, mas esqueço de olhar para mim o que é a primeira coisa a se fazer [...] (Nascimento, 2023. p,13).

Entender que tudo se movimenta em sintonia faz parte de uma vida prática, da espiritualidade. No meu relatório de estágio três eu descrevo um relato de uma professora, ela diz o seguinte,

Uma coisa interessante é que a professora nos contou que está prestes a se aposentar pois ela já tem os anos de contribuição necessários para que isso aconteça, o que me puxa de novo para uma visão de [...], não há como separar a sua essência como indivíduo à sua ação como professor. Ao chegarmos em sala ela nos recebeu muito bem, nos apresentou às crianças, e o melhor de tudo é que ela apresentou as crianças a nós, mostrando suas características subjetivas com orgulho, nos mostrou duas crianças indígenas nos contando do orgulho que elas sentiam da sua ancestralidade, o que abriu a mente da professora, de acordo com ela. Pois bem, estava falando da indissociação que é a vida como um todo, toquei nesse ponto pois a professora tem mais de vinte anos de atuação, a maioria dos professores que tem esse tempo de contribuição já estão fadigados e cansados, ela não, a percepção que eu tive é que com o pouco tempo que ela tinha restante, ela queria deixar um legado, uma marca positiva nas crianças, fazer a diferença, sempre com a mente aberta ao modo de ser dos seus alunos. (Nascimento. 2023, p, 14-15).

Seria impossível que essa professora ao qual tive contato ter essa atuação em sala de aula, se na vida cotidiana ela não acreditasse nesses princípios aos quais ela aplica na sala de referência, não há como eu ter uma conduta em um lugar e não ter no outro,

O si e o mundo são co-engendrados pela ação, de modo recíproco e indissociável. Encontram-se por sua vez, mergulhados num processo de transformação permanente. Pois ainda que sejam configurados como formas, estas restam sujeitas a novas perturbações que forçam sua reinvenção (Kastrup, 2005.p, 1276)

Espiritualidade é conhecimento, sem separações, conhecer pelo que estou me formando, o que penso, as relações de saber-poder aos quais estou sujeita e por quais ideais eu me movo. Quando se entra nesse movimento de observação é possível perceber o quanto cuidar de si não é uma escolha solitária, observa-se, é uma escolha pessoal, porém não uma escolha solitária, pois afeta tudo que está em volta. O processo de constituição presente na formação inicial é rodeado por inúmeros conhecimentos sejam eles técnicos ou de vivências cotidianas, saber analisar criticamente essas representações é uma das formas de se conduzir a vida em um geral. Loris Malaguzzi fala em seu texto “A criança é feita de Cem” sobre essa separatividade que existe em meio a nossa existência.

A criança é feita de cem.  
 A criança tem cem mãos, cem  
 Pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar  
 Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar  
 Cem alegrias para cantar e compreender.  
 Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.  
 Cem mundos para sonhar.  
 A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),  
 Mas roubaram-lhe noventa e nove.  
 A escola e a cultura separaram-lhe a cabeça do corpo.  
 Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar  
 e de não falar,  
 De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa  
 e no Natal.  
 Dizem-lhe: descobrir o mundo que já existe e, de cem, roubaram-lhe  
 noventa e nove.  
 Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência  
 e a imaginação,  
 O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.  
 Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem  
 existem.

O texto fala sobre crianças, mas se pararmos para analisar, somos apenas crianças grandes. O curso de pedagogia ao longo da formação nos dá conceitos sobre crianças, infâncias, métodos, mas há um esquecimento de que a vida, inclusive a constituição de um professorar é um acúmulo de memórias, momentos, quem sabe a comida preferida até o momento presente é a mesma de quando criança, o escolher a profissão de professor não foi por influência de algum quando criança, cheiros, memórias, abraços, afetos, até mesmo aqueles que faltaram. A espiritualidade encaixa-se nesse aspecto, de reflexão,

meditação, o que me move, por quais memórias, o que me afeta, pelo que me estive me preenchendo até o momento, “Ocupar-se consigo mesmo tornou-se de modo geral um princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral”. (Foucault, 2010. p, 10), ou seja, assim como Alcibíades reconhecer o próprio estado de ignorância foi o primeiro passo para aprender a governar, a nós cabe a busca por entendermos a nós mesmos.

Entendendo os conceitos e por onde perpassam as ideias de espiritualidade, analisa-la no cotidiano se torna mais simples, espiritualidade está intrínseca e somente é vista de uma outra forma devido à sua separação do que não se encaixa no religioso. Observando o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia é possível perceber que apesar da tecnicidade nas práticas professorais, no documento o que se busca de uma maneira geral é perpassar os enrijecimentos presentes, “professor, educadores, formadores de opinião. Todas essas denominações dão significados e marcam nossa identidade. Somos apesar de tudo o que se possa colocar adverso, educadores. ” (PPC Pedagogia. p, 29. 2021). Porém, é o que se busca, de uma maneira ou de outra haverá sempre discursos que determinam os modos de pensar e de concepções do que é ser professor, deixando sempre o educador ou professor em algo técnico. Mas como saber por onde andam esses discursos e entender essas relações de poder que existem nesses documentos que regem a nossa formação acadêmica? Na música “Admirável chip novo” do álbum “Admirável chip novo” a cantora Pitty retrata sobre as relações de poder e como elas se manifestam de maneira sutil,

Pane no sistema alguém me desconfigurou, aonde estão meus olhos de robô, eu não sabia eu não tinha percebido, eu sempre achei que era vivo.  
Parafuso e fluido em lugar de articulação, até achava que aqui batia um coração, nada é orgânico é tudo programado, e eu achando que tinha me libertado.  
Mas lá vem eles novamente eu sei o que vão fazer, reinstalar o sistema.  
Pense, fale, compre, beba, leia, vote, não se esqueça.  
Use, seja, ouça, diga, tenha more, gaste, viva.  
Não senhor, sim senhor. Não senhor, sim senhor.

Há um estranhamento nesse ponto, se há documentos que regem tanto a formação na academia quanto no exercer a profissão de professor, será que apesar da correnteza levar para um único caminho, não há outras formas

inventivas de existir professor? Como na música, “eu não sabia eu não tinha percebido, eu sempre achei que era vivo” ou “até achava que aqui batia um coração, nada é orgânico é tudo programado, e eu achando que tinha me libertado”, a vida como concepção de um conjunto de técnicas, “vida como obra de arte” é um suporte para que o indivíduo tenha controle sobre as relações de poder intrínsecas nas subjetividades. Não é que seja errado terem documentos norteadores, porém ao mesmo tempo em que há um discurso de modos de professorar autônomos e criativos há uma submissão aos modos enrijecidos de sempre.

Os documentos que regem pedagogicamente como serão os métodos utilizados ao longo do processo de formação e quais os valores que se buscam passar aos estudantes passam por um processo histórico, pois “Foucault “aplica” esse mesmo modelo, mostrando que há antes “possibilidades dos discursos” e que os enunciados são sempre históricos, não só em relação às suas condições de emergência como às funções por eles exercidas no interior de práticas não discursivas.” (FISCHER, 2001. p, 19). Nesse ponto é possível falar sobre uma temporalidade, pois o discurso não tem apenas um sentido, mas uma história.

Historicamente os documentos oficiais e os currículos vêm se modificando conforme conceitos do que seria homem e sociedade se modificam, inclusive é citado no PPC do curso de pedagogia da seguinte maneira:

A história é mestra e também testemunha dos fatos e dos tipos de respostas que têm sido dadas para essas questões. Ela mostra até aproximadamente o final da década de 1930, época em que a função do magistério ainda era vista e tratada de modo pontual e improvisado, as qualidades que se destacavam de um professor identificavam-no às dos autodidatas e letrados. Somente devagar, ao longo da história uma outra imagem do professor, mais próximo da ciência e do pensamento laico, vai sendo construída. Hoje é possível que ninguém mais lembre daquele educador rabiscado pelas ontologias didáticas, que se traduziam nas imagens cristalizadas dos quadros valorativos que se esmeravam em precisar, com detalhes, as suas qualidades morais e técnicas, os movimentos gestuais e as posturas apropriadas ao exercício da cátedra. Este professor ficou muito tempo nas nossas cabeças, assim como os códigos e receituários que abriam os livros de didática. (PPC Pedagogia, 2021. p, 30).

Dessa forma é possível observar que haviam modelos prontos do que seria um professor e de que forma esse professor era visto, ou seja, esses modelos nada passavam de produtores de homogeneidades. Com essa

temporalidade dos discursos, de certa forma seria coerente pensar que os símbolos mudaram, mas o discurso não?

Hoje o que se chama “educador” não se define como uma única coisa. Ele ganhou historicamente muitos significados, sempre relacionados com múltiplas situações e funções por ele exercidas, de tal forma que pode até ser possível pensar o educador como algo abstrato, uma das formas e representações que se lhe atribuiu, mas é pouco recomendável. É preferível a partir do concreto, observando os significados e as funções reais que esse educador assumiu no curso da história e no processo de divisão do trabalho, para, a partir daí, identificar o educador que pretendemos e aquilo que é possível ser na sociedade. (PPC Pedagogia, 2021. p, 30)

causa um estranhamento pensar que se deve fugir do abstrato e estar em busca de um adequado, adequado perante quem? Um exemplo que se pode utilizar quanto a isso se encontra no filme “Matilda”, nesse filme há duas personagens essenciais para essa análise, a professora Honey e a diretora Trunchbull. Em uma cena em específico a professora está na sala de referência ensinando as crianças sobre ciências utilizando métodos lúdicos, as crianças sorriam e interagem com a aula, a sala de aula era colorida com diversos mapas, cartazes e desenhos feitos pelas crianças. Em um determinado momentos todos ouvem a diretora indo a caminho da sala, a professora avisa as crianças e todos criam uma força tarefa para esconder todos os materiais pedagógicos coloridos, fazendo com que todos mudassem a postura perante a presença da diretora.

Em quantos momentos no processo de formação inicial não se observa esse transitar entre brechas, exatamente porque há um consenso mesmo que intrínseco de que se deve seguir com o adequado, com o padrão, em uma das minhas vivências no estágio pude presenciar esses métodos de assujeitamento,

Essa reunião estratégica era a partir da Gestão Integradora da Educação (GIDE), pelo que foi explicado o GIDE é uma metodologia de gestão que representa um caminho científico para a solução de problemas orientado pelo método científico de solução de problemas denominado Plan-do-Check-Adjust (PCDA) o que diferencia a GIDE das demais soluções na área educacional. O método PCDA auxilia no trabalho administrativo da escola, ele significa planejar, fazer, analisar e agir. O GIDE dialoga com a proposta da escola, pois o Projeto Político Pedagógico (PPP) contempla as exigências dos órgãos de educação, no caso do GIDE, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

No grupo em que eu estava participando há duas coisas que eu quero enfatizar, a primeira é que as professoras ficaram responsáveis pelo registro das práticas pedagógicas, como o registro de evidências das aulas, armazenamento em pastas e promoção da socialização das práticas, a segunda é que em conversas, as professoras se queixaram para mim de que apesar de elas estarem ali participando da construção dos objetivos, elas não podem adequar aquelas metas à elas, mas sim, elas se adequam às metas, uma professora comentou que nunca podem sair de um padrão de organização, mesmo que as especificidades da turma em que ela se encontra não estejam de acordo com o que é pedido [...]. (Nascimento, Relatório de Estágio 1. 2023, p, 8)

As práticas da espiritualidade apresentam-se como esse escape em meio ao controle das subjetividades, “As práticas educativas, se assim podemos interpretar, participam do processo de “constituição do sujeito” e a investigação do universo das práticas discursivas que as constitui permite problematizar as verdades implicadas neste processo de constituição [...]”. (Sandoval. Rodrigues. 2016. p, 99). O sujeito constitui-se de quê em meio a esse processo, retorna-se a Marco Aurélio, e sobre o controle das representações, volta-se a Alcibíades ao reconhecer a ignorância que vivia.

O ponto principal que permite que nesse processo de formação inicial haja uma escolha é um entendimento inicialmente de si, o sujeito de conhece, logo, consegue internalizar ou descartar ideias. As normas e documentos oficiais tornam-se apenas direcionadores e não legisladores. Todos precisam obedecer a regras e normas gerais, de maneira nenhuma torna-se errado escolher seguir, o que aqui se quer destacar é o poder de escolha. Há em meio a esses processos de constituição domínios que afetam a maneira de ser e pensar, retomo o que de acordo com Foucault seria a espiritualidade, ascetes, renúncias, conversões do olhar, que levam não somente a um conhecimento, mas para o sujeito. (Foucault, 2006), dessa forma, ela vem como um poder de análise do todo, todas as formas de poder que operam.

O poder não se concentra em polo algum, o poder sempre circula, o poder é capilar. O poder funciona, o poder não é repressivo, mas produtivo. “O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas sempre estão em posição de exercê-lo” (Foucault, 2005a: 35). O poder está implícito e se movimenta conforme se movimenta o mundo fluído da linguagem “corporalizada”. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”. (Foucault, 2001a: 8). ”

Entender o que está nos constituindo, seja essa constituição por práticas, ideais um processo de subjetivação, achar frestas em meio a esse caminho de formação inicial é uma forma de governo vivida em relação a esses jogos de poder. A experiência filosófica se torna uma forma de exercício espiritual que modifica o sujeito e possibilita uma constituição durante a formação inicial crítica, ele deixa de ser um receptor e passa a ser um atuante. A espiritualidade não é um discurso de plenitude, é um objeto para o pensamento (Pereira, 2006). Nesse aspecto é possível evidenciar que a espiritualidade faz parte de uma concepção humana em sua dimensão integral, cultura filosofia e espiritualidade, utilizando os termos de Foucault, uma dimensão prática de nossa existencialidade.

De que valeria a obstinação do saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece? ” (Foucault, 2012, p. 193)

Dessa maneira, a espiritualidade como experiência filosófica através da noção do cuidado de si, preconiza uma vida de autoria de si mesmo, que simultaneamente é uma forma de resistir às tecnologias de assujeitamento (Gros & Lévy, 2004), o que não significa firmar as mesmas formas de subjetivação da antiguidade greco-romana como solução aos problemas educacionais aos quais estão em discussão, mas que permite repensar a uma dificuldade nos processos formativos da atualidade, visto que há uma visão reducionista separatista entre sujeitos/objetos, corpo/alma, eu/mundo, natureza/cultura. Entende-se a educação e a formação de professores como passagem do não saber ao saber, assim como cita Deleuze (1998), desconstruindo a lógica positivista sem objetivar a forma(ta)ção de indivíduos, mas favorecendo a produção de singularidades, “Não se trata de inventar conhecimento sobre a diferença, mas de favorecer as singularidades e uma educação focada em sua trajetória no hibridismo”(Schnorr, Rodrigues, 2014, p, 40), aí se encontra a beleza do abstrato.

**Abstrato é o figurativo. “Tanto em Pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada, mais difícil, menos visível a olho nu. ” (Clarisse Lispector, 1984)**

Durante o meu processo formativo, tive várias oportunidades de encontra-me e desencontra-me por diversas vezes, e hoje considero isso muito bom, imagine-se estar sempre no mesmo lugar, fazendo as mesmas coisas, o caos

da mudança ensina e traz muita experiência. Há um livro chamado “Casa das estrelas”, é um dicionário feito por crianças, são palavras comuns no nosso cotidiano, mas por elas interpretadas de um jeito muito único, por exemplo, de acordo com Wilson Fernei de nove anos o olho “é a cabeça de quem tem” (Naranjo, 2018, p.100), alegria “A força de ser e sentir. Catalina Taborda, 7 anos, ou a alma que de acordo com o Alex Gustavo de 7 anos é “A pele”. (Naranjo, 2018. p, 21). Pensar a partir disso, a partir desse universo pelo olhar das crianças me faz pensar que eu também tenho o meu dicionário, a partir das vivências e do meu existir eu crio ideias do que é amor, alegria, mente, alma e o mais importante foi entender que nada disso se separa da minha constituição como professora, mesmo que eu venha a tentar, não conseguirei ser fragmentos de mim, serei única em minhas concepções em todas as áreas da vida.

A liberdade começa no desconforto, questionamentos, dúvidas, é a partir disso que as transformações são possíveis. Enxergar-me como sou gera uma modificação em como me vejo e vejo os demais, lembro-me de um trecho do livro “As viagens de Gulliver” em que Gulliver chega a uma terra comandada por cavalos, lá era um reino em que todos viviam em paz e harmonia, utilizando de sabedoria para que tudo funcionasse da melhor forma possível, até que em uma conversa com o rei, Gulliver questionou o rei perguntando se em seu reino haviam humanos (yahoos),

Quando perguntei a ele sobre os yahoos, ouvi do cavalo cinzento que eles eram covardes e traiçoeiros e isso fazia deles a espécie mais repulsiva da terra; não sabiam falar e adoravam sujeita. Graças à grande força física que tinham, eram usados para trabalhos braçais e como bestas de carga. Comiam carne crua, cachorro morto e estavam sujeitos a muitas doenças. Brigavam entre si e por razões absurdas. Enganavam e roubavam uns aos outros.

Outra característica que chamava muito a atenção de meu amigo cavalo era o fato de os yahoos gostavam muito de pedras brilhantes e que, quando as encontravam, eram até capazes de roubá-las de seus semelhantes. Outro detalhe que muito incomodava ao cavalo cinzento era que, quando tinham pedras brilhantes e comida e água em abundância, os yahoos se enchiam de arrogância e, como se estivessem insatisfeitos, agrediam os semelhantes à sua volta.

Ouvindo meu amigo cavalo e constatando essas e demais coisas que ele ia me trazendo, pude concluir que os yahoos eram de fato difíceis de ser disciplinados e que, apesar de algumas diferenças, os yahoos não eram muito diferente do que eu chamava de homem.

Com o tempo passei a ter vergonha de minha aparência, que me lembrava um yahoo. Também eram os yahoos que vinham à mente quando eu pensava em meus amigos, familiares e na humanidade. (Swift. Brandão. 2006. p, 82-83)

Olhar para si é um movimento de enxergar tudo em que preciso melhorar, trazendo Marco Aurélio, atingir uma grandeza de alma. Foucault em seus escritos não busca trazer soluções, mas caminhos. Assim como Gulliver refletiu em seus defeitos a partir de uma iluminação do que existia de pior nele e na humanidade, assim as concepções, ideais e pensamentos afetam de maneira direta o “ser professor”, pelo que estamos sendo guiados, por quais caminhos seguimos? São nesses processos que a compreensão da filosofia como espiritualidade e forma de vida está intrínseca na formação docente.

Cartografar é acompanhar um processo e não representar um objeto”  
(Kastrup, 2008, p, 469)



Cartografias da relação espiritualidade e conhecimento na formação docente expressas pela pintura

Fonte: própria autora. 2023.

Essa arte simboliza esses caminhos que passamos durante a vida, esses embaralhamentos, confusões, incertezas, afetos, memórias, saudades. Somos criados por vários retalhos, sobreposições, pinceladas por cima de pinceladas, em uma tentativa de ser melhor a cada momento, uma mistura do que somos, pelo que queremos ser. Isso é o viver.

Gosto da arte abstrata porque ela não tem um único significado, pode variar de acordo com o dia, a hora, quem a observa. O processo de formação é essa construção, uma pintura, se passam os momentos assim como as pinceladas de tinta no quadro. Há diferentes formas de se enxergar essa constituição em meio ao processo de formação inicial, depende do dia, do momento, concepções, sonhos, a espiritualidade vem como uma mudança de percepção, o que antes era cotidiano agora passa a ser analisado, não em uma análise para chegar a uma conclusão de certo e errado, mas em um sentido de exame de si. Práticas professorais, educação, sujeito, criança, o sujeito passa agora a criar novas formas de ser e viver.

[...]a felicidade aparece para aqueles que choram.  
 Para aqueles que se machucam  
 Para aqueles que buscam e tentam sempre  
 E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que  
 passaram por suas vidas.  
 (Lispector, 2012)

A espiritualidade e cuidado de si tornam a constituição do sujeito uma arte de viver, o professorar acaba tornando-se uma extensão da vida, a vida pulsa, a garantia de liberdade que trazem essa nova maneira de viver tornam o sujeito crítico margeando uma postura ética, libertando-o de amarras e paredes que podem estar o prendendo. “A felicidade aparece para aqueles que choram, para aqueles que se machucam...” a mudança gera desconforto, mas o desconforto torna-se ponto inicial para um novo viver.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do conhecimento das ferramentas do cuidado de si e espiritualidade é possível uma modificação no existir, as práticas espirituais agregadas ao cotidiano em um sentido de ações, pensamentos e atitudes trazem um novo sentido para o viver, a vida pulsa, tudo está interligado. O estudo da espiritualidade e cuidado de si vem como um deslocamento de consciência, o que anteriormente era visto como comum e cotidiano, agora passa a ser objeto de análise.

Os estudos sobre o cuidado de si e espiritualidade dão um embasamento sobre o que seria uma ética subjetiva a partir das práticas de filosofia, mapear as ideias de espiritualidade a partir dos estudos de Foucault, demonstra essa problemática que ocorre nos processos de formação inicial de professores. Forma-se professores em um sentido técnico, mas deixa de lado o aspecto

humano, colocando em apagamento uma formação humana na sua dimensão prática de existência, aspectos estéticos, éticos, intelectuais, afetivos, tudo isso acaba se tornando trivial.

Discutir os efeitos das ideias de espiritualidade é acabar entendendo que ela é uma ferramenta para uma melhor relação de mim para com o mundo, o outro, afinal, a finalidade da educação é desenvolver em nós e nos outros a ideia do bem-professorar.

São poucos os artigos aos quais pude buscar me embasar para essa pesquisa em específico, isso demonstra o quanto ainda está apagada essa ferramenta tão importante nos processos formativos e o quanto ainda está polarizado o espiritual do conhecimento. Desenvolver o melhor do potencial humano é fomentar o amor ao conhecimento de uma maneira integral, filosofias, ciências, artes e religiões, assim promovendo um ideal de fraternidade baseado no respeito à dignidade humana e integrando-o na sociedade e natureza como sujeito ativo para melhorar sua relação com o mundo.

Constituir é formar além da formação acadêmica, a espiritualidade auxilia nesse domínio da mente, podendo viver mais profundamente e nos livrando de uma fabricação mecânica de professores. O que pode uma docência para além do academicismo?

A percepção de como e pelo que estamos nos formando faz parte de uma prática de liberdade, o poder da escolha, não sermos levados somente por uma correnteza de ideias, de ações, pensamentos, a espiritualidade vem como um remo, apesar de estarmos nesse barco que é afetado pela correnteza, temos o poder de poder escolhermos a direção pela qual queremos ser levados, chega a ser trabalhoso, pode cansar os braços, mas chegaremos em algum momento ao ponto em que se busca chegar.

Emparedamentos, enrijecimentos e amarras aos quais antes não se via agora podem ser rachados, a criação de novas maneiras de viver faz parte de um processo de observar frestas em meio a paredes e muros que estão presentes na formação inicial, o cuidado de si é um movimento que começa de dentro para fora, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo, isso significa que a partir do momento que há um olhar para dentro de si por consequência tudo que está fora passa a ganhar um novo significado.

A prática de liberdade na formação inicial ocorre a partir desses novos significados, Foucault a partir dos seus estudos não nos mostra soluções, mas instiga à criação de novos caminhos a serem trilhados, novas possibilidades, onde se cessam as visões reducionistas que cercam uma ideia de separação entre conhecimento e práticas espirituais, assim como Sócrates disse a Alcibíades, “Mas afinal, é preciso dar um pouco de atenção a ti mesmo; [...], toma consciência das qualidades que possuis[...]” (Foucault, 2006, p.44).

A arte de viver, a arte de não ser governado é algo que deve estar cravado na nossa existência, trazendo à vida uma inquietude, movimento, possibilitando um viver com profundidade, sabendo de fato qual o mistério da vida presente em nós.

## REFERÊNCIAS

- AURICH, Grace da Ré. **Reescrita de Si: a invenção de uma Docência em Matemática.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, p. 152. 2017.
- BERTO, Danila Faria. **À beira do abismo: entre literatura e escrita de si em Clarice Lispector.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências: Marília, 2019. p, 167.
- BIRRI, Fernando. Citado por Eduardo Galeano in “**Las palabras andantes?**” de Eduardo Galeano. Publicado por Siglo XXI, 1994.
- CAVALHEIRO, Andreia Aparecida. **Formação Docente e o Cuidado de Si. Linha Mestra**, n.37, p.19-24, Jan.Abr, 2019.
- CHAVES, Irenio Silveira. **Espiritualidade e Subjetividade: A provocação de Michel Foucault e a Teologia em tempos pós-modernos.**/ Irenio Silveira Chaves. Orientadora: Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2014.
- CHAVES, Sílvia Nogueira. **Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica.** In.: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Orgs.) *Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências [recurso eletrônico] / Raphael Alves Feitosa; Solonildo Almeida da Silva (Orgs.)* -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação.** Faculdade de Educação e Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-23, novembro/2001.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si.* In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. **Ditos e Escritos**, volume V: Ética, sexualidade, política. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GROS, F.; LÉVY, C. **Foucault y la filosofía antigua**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LISPECTOR, Clarisse. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MENEGAT, Cezar. **Formação docente continuada e a espiritualidade: uma abordagem a partir do último Foucault**. Universidade Federal de Passo Fundo. Passo Fundo. 2017.
- NASCIMENTO, Karine. Universidade do Estado do Amazonas. **Relatório de Estágio I**. Manaus -AM. 2022. \_\_\_\_\_ . **Relatório de Estágio II**. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus-AM 2023. \_\_\_\_\_ . **Relatório de Estágio III**. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus-AM 2023. NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PARAÍSO, Marlucy. Contribuições dos estudos culturais para a educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.10, n.55, p.53-61, 2004.
- PEREIRA, B.C.V. **Exercícios espirituais: Pierre Hadot, Michel Foucault e a filosofia como modo de vida**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.
- AMAZONAS. **Projeto Político Pedagógico da Escola Normal Superior**. Governo do Estado do Amazonas. Manaus- Amazonas. 2021.
- RODRÍGUEZ, N.B. y Vifara Sandoval, H. (Comps.). (2016). **Michel Foucault, treinta años después: Aportes para pensar el problema del cuerpo y la educación**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; Cali: Universidade de San Buenaventura Cali.(Coediciones ; 4). ISBN 978-950-34-1440-8.
- SCHNORR, Samuel Molina; RODRIGUES, Carla Gonçalves. A possibilidade de pensar a filosofia na perspectiva da diferença: impregnando a formação de professores e experimentando o inédito. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 36-49, set./dez. 2014.
- SUGIZAKI, Eduardo. ROSA, Mário F.F. ROSA. **A espiritualidade ontem e hoje, Foucault e a Hermenêutica de si**. Revista da Abordagem Gestáltica – XIV(2): 205-212, jul-dez, 2008.